Por que lemos “Mateus”, “João” ou “Lucas” nas nossas Bíblias, se esses nomes não existiam na época de Cristo? Essa pergunta, frequentemente levantada em debates sobre a autenticidade da Bíblia, tem sido usada por alguns críticos para sugerir que as Escrituras foram alteradas ou falsificadas. Contudo, longe de ameaçar a integridade da Palavra, essa realidade linguística — a *transliteração* — é uma porta de entrada para compreender a riqueza da Tradição, a transmissão das Escrituras e o respeito que a Igreja sempre teve pela verdade revelada.

Neste artigo, vamos explorar por que existem nomes aparentemente “modernos” na Bíblia, o que realmente significa transliteração, e como isso não contradiz a fidelidade das Escrituras, mas confirma sua essência mais profunda. Além disso, veremos como essa compreensão pode fortalecer a nossa fé e nos ajudar a viver a Palavra de Deus de forma mais consciente no nosso dia a dia.

I. O que é transliteração?

Transliteração é o processo pelo qual se adaptam palavras ou nomes de uma língua para outra, não traduzindo o significado, mas transcrevendo os sons das letras para um sistema alfabético diferente. Por exemplo:

- יוחנן (*Yôḥānān*) em hebraico → Ἰωάννης (*Iōánnēs*) em grego → *Ioannes* em latim → *João* em português.
- מַתִּתְיָהוּ (*Mattityahu*) em hebraico → Ματθαῖος (*Matthaíos*) em grego → *Matthaeus* em latim → *Mateus* em português.

Cada vez que a Bíblia é transmitida em um novo idioma, os nomes também são adaptados foneticamente para serem compreensíveis aos falantes dessa língua. Isso não altera em nada o conteúdo teológico do texto, mas facilita sua leitura e compreensão.

> ***A transliteração não muda a mensagem, ela a torna acessível.*** *Da mesma forma que traduzimos “bread” como “pão”, dizemos “Jesus” em vez de Iēsous para que possamos pronunciar e nos relacionar com Ele.*

II. História da transmissão bíblica: de Jerusalém ao mundo inteiro

A Bíblia não caiu do céu em português, inglês ou espanhol. Ela foi escrita em línguas antigas: hebraico, aramaico e grego koiné. Ao longo dos séculos, a Palavra de Deus foi traduzida e copiada com extremo cuidado — primeiro para o grego (versão dos LXX ou Septuaginta), depois para o latim (a **Vulgata**, por São Jerônimo), e em seguida para todas as línguas vernáculas.

Durante esse processo, os nomes bíblicos passaram por diferentes etapas de transliteração:

- **Hebraico antigo**: os nomes originais, como *Yeshua*, *Moshe*, *Shaul*, *Yohanan*.
- **Grego koiné**: os apóstolos e evangelistas escreveram ou transmitiram textos em grego, que não possuía certas letras hebraicas; os nomes foram então adaptados: *Yeshua* → *Iēsous*, *Moshe* → *Mōÿsēs*.
- **Latim**: a língua litúrgica e acadêmica do cristianismo durante séculos continuou a adaptar esses nomes: *Iēsous* → *Iesus*, *Iōánnēs* → *Ioannes*, *Petros* → *Petrus*.
- **Línguas modernas**: cada idioma herdou do latim (ou diretamente do grego) suas formas próprias: *João*, *Pedro*, *Lucas*, *Mateus* em português.

> *Não há nada de herético em chamar Yeshua de "Jesus". A Igreja sempre reconheceu a validade e a sacralidade desses nomes em todas as línguas.*

III. Isso é prova de que a Bíblia foi falsificada?

Alguns movimentos, especialmente certas seitas e grupos que defendem um retorno exclusivo ao hebraico original, afirmam que o uso de nomes "modernos" como "Jesus" ou "João" prova que a Bíblia foi alterada ou "romanizada".

Isso é um erro de compreensão linguística e teológica.

Dizer que a Bíblia foi falsificada por causa da transliteração dos nomes é como dizer que o Evangelho não é mais válido porque dizemos “Pai” em vez de “Abba”. O conteúdo e a essência permanecem intactos.

A Igreja, guiada pelo Espírito Santo, sempre zelou pela fidelidade doutrinária das Escrituras, como recorda o Concílio Vaticano II na *Dei Verbum*:

> *“O que os autores sagrados escreveram, o escreveram por inspiração do Espírito Santo” (DV 11).*

A forma dos nomes muda conforme a língua, mas **a pessoa a quem se referem permanece a mesma**, e o conteúdo teológico não é alterado. Quer chamemos Jesus de *Yeshua*, *Iesus*, *Jesus*, *Jésus* ou *Gesù*, estamos falando do mesmo Filho de Deus encarnado, “o mesmo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8).

IV. Exemplos de transliteração na própria Bíblia

A Bíblia apresenta, por si só, diferentes formas de nomes conforme a língua ou o contexto:

- No Antigo Testamento, o nome de Moisés é *Moshe* em hebraico, mas os autores gregos o escrevem *Mōÿsēs*.
- *Saul* torna-se *Paulo* após sua conversão, um nome latino provavelmente adotado durante suas viagens missionárias.
- *Simão* também é chamado *Pedro*, nome que o próprio Cristo lhe dá (Jo 1,42): “Tu és Simão, filho de João; serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)”.

> *Mesmo dentro da Bíblia, há traduções e adaptações. Isso não enfraquece o texto — enriquece-o.*

V. Relevância teológica: por que isso é importante para a minha fé?

1. **Isso nos conecta com a Tradição viva**: Ao entender que os nomes na Bíblia foram transmitidos ao longo dos séculos e adaptados a cada língua e cultura, reconhecemos a ação viva do Espírito Santo na Igreja. Como ensina o Catecismo: “Com a ajuda do Espírito Santo, pode crescer na vida da Igreja a inteligência tanto das realidades como das palavras do depósito da fé” (CIC 94).
2. **Isso nos protege do fundamentalismo literalista**: Algumas seitas rejeitam o uso de nomes como “Jesus” por não serem hebraicos. Mas isso é cair em um legalismo que esquece que Deus se revelou a todas as nações e em todas as línguas. Lembremos que em Pentecostes os apóstolos falaram **em todas as línguas** (At 2,4-11).
3. **Isso nos encoraja a amar a Escritura na nossa própria língua**: Dizer “Jesus” não é menos sagrado do que dizer *Yeshua*. Deus não se incomoda com a língua que usamos, mas com a dureza do nosso coração. O que importa é invocar Seu Nome com fé e reverência.

VI. Aplicações práticas: como viver essa verdade hoje?

- **Valorize a Bíblia na sua língua**: Você não precisa aprender hebraico para encontrar Cristo. Deus fala com você na sua língua, na sua história, no seu coração.
- **Evite escândalos desnecessários**: Se alguém disser que a Bíblia foi alterada porque tem nomes “modernos”, responda com caridade e conhecimento. Explique a diferença entre tradução, transliteração e falsificação.
- **Aprofunde sua compreensão das Escrituras**: Descubra o significado original dos nomes bíblicos. Por exemplo, “Mateus” (*Mattityahu*) significa “dom de Deus”; “João” (*Yohanan*) significa “Deus é misericordioso”.
- **Reze com o Nome do Senhor**: Não importa se você diz *Iēsous*, *Jesus* ou *Yesu* (em suaíli). O que importa é invocar o Seu Nome com amor e fé, como diz São Paulo: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (Rm 10,13).

VII. Conclusão: A Palavra de Deus, eterna em todas as línguas

A presença de nomes como “Mateus”, “Lucas” ou “João” nas nossas Bíblias não é sinal de corrupção, mas sinal do amor de Deus, que quis que Sua Palavra chegasse a todos os cantos da Terra. A transliteração é uma ponte, não um obstáculo. É o caminho pelo qual Deus continua a falar conosco — na nossa língua, na nossa cultura, na nossa história.

As Escrituras, traduzidas e adaptadas às línguas dos povos, são vivas e eficazes (cf. Hb 4,12), e sua Verdade permanece para sempre.

> *“O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar” (Mt 24,35).*

Não nos escandalizemos com a aparência moderna dos nomes, mas descubramos, por trás das letras, a voz eterna de Deus que nos chama pelo nome… na nossa língua… e no nosso coração.

Quer aprofundar mais? Busque uma Bíblia com notas filológicas ou consulte a Vulgata e textos interlineares. Mas acima de tudo: **abra sua Bíblia e deixe Deus falar com você**… mesmo que esteja escrito “Mateus” e não *Mattityahu*, **é sempre a Palavra de Deus.**